



IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

ARTE E FILOSOFIA COMO INTERCESSORES DA GEOGRAFIA: POSSIBILIDADES PARA PENSAR O ENSINO E A APRENDIZAGEM

Renan Carnaúba de OLIVEIRA (UFGD) ¹

Eixo 8 – Relatos de experiência.

RESUMO

Este relato de experiência deriva de um estudo sobre a linguagem pictórica no ensino de Geografia e tem como principal referencial o pensamento filosófico de Deleuze, especificamente o conceito de intercessores, na perspectiva de movimentar e provocar o pensamento sobre o espaço na Geografia. Muitas das conexões teóricas aqui expostas foram fundamentadas nos estudos dos livros Pelo Espaço (MASSEY, 2008), Conversações (DELEUZE, 2013), e das obras de arte do MARCO (Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul). O objetivo é pensar a arte, aqui em específico a pintura, como linguagem e não como recurso, ou mera representação, exercitando as possibilidades que as potencialidades da linguagem pictórica proporcionam na construção de imaginações espaciais. Estas ideias foram trabalhadas por meio de experimentações no ensino básico como parte da pesquisa movimentando o pensamento acerca da docência através dos signos produzidos pela arte e, a partir disso, a criação de outras possíveis formas de se pensar as linguagens no ensino de Geografia. Na experimentação relatada neste trabalho, os estudantes foram submetidos ao estranhamento através da exposição de imagens de obras do MARCO, que possui obras muito alinhadas a questões sociais do estado de Mato Grosso do Sul, criando outras possibilidades de se pensar Geografia, ampliando suas imaginações acerca do espaço. As obras foram apresentadas juntamente com aspectos relevantes da biografia dos artistas plásticos que criaram as obras. A arte como intercessora da Geografia, golpeou a ideia do pensamento único, gerando outras maneiras de interpretação da espacialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Arte. Filosofia. Intercessores. Espaço.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGG/UFGD) renan_carnauba@hotmail.com.

Introdução

Inicialmente, apresento o seguinte questionamento: como a linguagem pictórica pode mobilizar outras maneiras de pensar o espaço no ensino de Geografia? Pensamos a linguagem pictórica com potencial para mobilizar o pensamento sobre o espaço, pois transcende os mapas, as cartas topográficas, as imagens oficiais dos lugares. Buscamos permitir a imanência de outras possibilidades de Geografias, a partir de uma perspectiva de invenção.

Aproximo a arte da Geografia para “fazer reexistirem campos do saber geográfico e educacional, que se encontram bloqueados por algumas ideias já estabelecidas que impedem o pensamento pensar” (OLIVEIRA JR., 2017, p .34). Outras possibilidades de imaginar o espaço surgem como formas de resistências a partir das experimentações com linguagens da arte, constituindo formas de educação e geografias menores (GALLO, 2016). Educação menor (praticada na sala de aula, na relação entre estudante e professor), não negando a educação maior (das políticas educacionais, leis, etc.) (GALLO, 2016), mas sim dobrando essa perspectiva para a Geografia, de maneira que os sujeitos possam ser mobilizados e, a partir da arte, criarem fissuras, ruídos na geografia maior.

Além das reflexões de cunho teórico-conceitual, a pesquisa envolve experimentações em sala de aula, realizando um revezamento entre teoria e prática. Neste relato, apresento uma das experimentações realizadas com estudantes do Ensino Fundamental da rede pública estadual de ensino da cidade de Fátima do Sul (MS). Desenvolvo a proposta de utilizar a linguagem pictórica através de pinturas do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO), em Campo Grande (MS), como possibilidades que contribuam para se pensar o uso dessa linguagem enquanto criadora de imaginações espaciais.

Os intercessores

A cartografia, o globo terrestre, não podem obter exclusividade como objetos a serem usados para mobilizar o pensamento geográfico na busca de compreender as características do espaço. Apoiamos-nos na ideia de explorar uma relação entre Arte, Geografia e Filosofia, como linhas paralelas, que se interferem, ao mesmo

tempo respeitando seus poderes de criação (DELEUZE; GUATTARI, 2013). Uma é intercessora da outra no processo de criação.

O que me interessa são as relações entre as artes, a ciência e a filosofia. Não há nenhum privilégio de uma destas disciplinas em relação a outra. Cada uma delas é criadora. O verdadeiro objeto da ciência é criar funções, o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis e os objetos da filosofia, criar conceitos [...]. Como é possível que um conceito, um agregado e uma função se encontrem? (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p.158)

Segundo Deleuze (2013), intercessores são “[...] como espécie de linhas melódicas estrangeiras umas às outras e que não cessam de interferir entre si.” A linguagem pictórica é nossa intercessora para seguir o pensamento de “tomar a arte como potência mobilizadora do pensamento científico” (OLIVEIRA JR., 2017, p.34), sobretudo para o pensamento geográfico. A arte como intercessora desse estudo trata da perspectiva de fugir das amarras que controlam nossa maneira de pensar o espaço, o que restringe nossa liberdade de gerar nossas geografias, nossas espacialidades.

Intercessores andam ao lado, pois nunca seguem ou são seguidos, funcionam como aliados do estranhar-se e é assim que produzem um “entre” no qual se dá a criação. Ao trabalharmos com obras de arte e obras geográficas como intercessoras umas das outras, estamos a situar possibilidades de criação no “entre” estes dois termos. (2018, p.19).

Proponho pensar arte como intercessora da ciência geográfica no movimento de repensar a noção de espaço. A pintura, expressão artística específica deste estudo, não é abordada como ferramenta de representação espacial, pois assim sentido o espaço seria considerado como uma superfície estática, como palco onde ocorrem os fenômenos. Penso na arte como “[...] um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos” (DELEUZE, 1987), que produz sensações. Segundo Deleuze (2013) “[...] o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis.”

A arte provoca um movimento do pensamento, surgindo outras possibilidades, novos problemas, novas criações, gerando uma aprendizagem sob a perspectiva da invenção. O objetivo deste estudo não é uma preocupação com a arte, ou seja, não

é realizar uma análise crítica da técnica de cada obra. É pensar a linguagem pictórica aberta para agregar diversas conexões e sensações, indo além da representação, assim como o espaço deve ser compreendido, sempre aberto a outras relações, outras interações sempre em devir caracterizado pela multiplicidade (MASSEY, 2008).

Nossa preocupação é com o plano da ciência, mas não a partir da ideia de ciência uniformizadora, generalizante do pensamento arbóreo e representacional, mas de uma ciência que estabeleça intercessores com os planos da arte e da filosofia na direção de poder criar novos pensamentos espaciais a partir das e com as imagens. (OLIVEIRA JR.; FERRAZ; GIRARDI, 2013, p.14).

Aposto na estratégia de articular Geografia e arte acreditando no potencial para se expandir o pensamento acerca do espaço. A arte tem o poder de chocar, de atravessar cada sujeito de uma forma específica. A arte nos desloca do conforto através de seus signos.

Os sujeitos da experimentação foram expostos a situações provocadas pelos impactos dos signos da Arte, sendo forçados a buscar a verdade (DELEUZE, 1987). Buscar a tarefa de aprender outras possibilidades. Segundo Deleuze (1987), buscar a verdade, aprender, é buscar narrativas que possibilitem pensar sobre os signos dos mundos, ou uma invenção de narrativas a partir deles.

Deleuze (1987) explana que toda aprendizagem se dá pela violência dos signos, principalmente os da Arte. Os signos nos permitem sonhar, pois nos violentam, nos tiram do conforto, nos fazem chegar à essência máxima da diferença (DELEUZE, 1987). Essa dinâmica de pensamento, que abre o espaço para ser pensado como característica principal a multiplicidade, deve ser estimulada nas aulas de Geografia.

Entendo que o trabalho com as diferentes linguagens deve possibilitar a construção de imaginações espaciais. Utilizamos a linguagem pictórica não apenas para ilustrar o conteúdo, e sim para potencializar imaginações sobre os fatos e fenômenos geográficos. “[...] Podemos instrumentalizar-nos por meio de análises estéticas e sígnicas na direção de uma interpretação espacial das relações humanas a partir de suas representações pictóricas.” (FERRAZ, 2009, p.30). Os pintores, como as artistas em geral, expressam suas interpretações e questionamentos através de suas obras com as possibilidades e restrições que possui. “Aprender a

ver pinturas pode auxiliar numa melhor leitura do espaço, assim como uma análise geográfica dos quadros pode enriquecer a compreensão deles.” (FERRAZ, 2009, p.41).

Sigo a perspectiva da filosofia da diferença, na qual, cada sujeito quando afetado pela arte é tirado do conforto para buscar outros sentidos nas coisas. "O desafio que nos coloca uma filosofia da diferença tal como pensada por Deleuze e por Foucault é o de investir em um pensamento criativo em educação, para além de totalizações, seja da teoria, seja da prática" (GALLO, 2010, p. 62). Ou seja, construir experiências novas de ações e pensamento, criando práticas que tornem a voz dos alunos ativa e ouvida. Não estabeleço estruturas formais na tentativa de interpretar as obras, apenas propomos a experimentação. Aproveito-me das potencialidades das obras na busca por outras possibilidades de se pensar outras geografias.

Penso como fundamental no ensino de Geografia, estimular uma ótica crítica acerca do espaço, pois, “a geografia não é uma ciência neutra e inocente. Como a história, ela é marcada pelo jogo de interesses, pela ideologia, pela discriminação e pela exclusão.” (KAERCHER, 2003, p.11). Portanto, propomos, através das potencialidades da linguagem pictórica, um ensino de Geografia que não atenda a interesses que não sejam o de proporcionar aos estudantes imaginações espaciais críticas.

Experimentação

A experimentação aqui relatada foi realizada no ensino básico e ocorreu a partir dos estudos de minha pesquisa em nível de mestrado. As aulas ocorreram em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental.

O primeiro ato do experimento buscou destacar o caráter educativo da Arte, desconstruindo ideias generalizantes acerca da mesma. Foi explanado sobre o caráter hospitaleiro e educativo dos museus e apresentamos imagens que demonstram como a Arte está presente no cotidiano, através das publicidades, redes sociais, televisão. Explanei sobre referências que abordam a temática proposta neste estudo, buscando dialogar sobre a importância de incorporar diferentes linguagens no ensino de Geografia. O objetivo foi compreender as especificidades da linguagem pictórica e, a partir disso, identificar possibilidades para o ensino de Geografia através das obras selecionadas do MARCO.

O segundo ato do experimento foi dedicado à análise das obras selecionadas do MARCO. Estabeleci a análise das obras e do contexto em que o artista estava inserido ao criá-las. Foram explanadas as principais características de cada artista, e com isso, apresentadas as obras (Figuras 1 e 2)



Figura 1 - O Sopro (1978), Humberto Espíndola - Óleo sobre tela 130 X 170 cm.
Acervo do MARCO



Figura 2 - ... Dos bugres (1999), Julio Cabral - Óleo sobre tela 100 X 80 cm
Acervo do MARCO

No decorrer da exposição das obras, estimei os alunos a expressarem suas percepções. No início era nítida uma precaução em externarem suas imaginações, havia o receio de errar ao explanar de que forma a obra atravessou-lhes. Conforme foram sendo provocados a saírem da zona de conforto, as imaginações espaciais começaram a surgir, e a participação na aula tornou-se fervorosa. Demonstraram curiosidades e surpresas, sentimentos, vontade de explanar para todos da sala os sentidos que cada obra despertou neles mesmos.

A sala de aula tornou-se uma arena de encontros e desencontros, de multiplicidade. O pensamento se colocou em movimento e a arte trouxe uma dinâmica que possibilitou imanência de outras Geografias, de outras possibilidades de se pensar o espaço. Os diálogos que surgiram na sala de aula na apresentação das obras estiveram todos muito alinhados com questões sociais importantes no estado de Mato Grosso do Sul.

A figura 1 proporcionou pensamentos acerca da bovinocultura e dos interesses na criação do estado de Mato Grosso do Sul. O chifre e a parte acima da cabeça do boi, o cupim, foram elementos que geraram diálogos sobre a influência dos grandes criadores de gado na política e economia regional no período em que a obra foi criada. A boina militar revelou uma sátira ao regime militar vigente no período. Em um período marcado pela repressão e censura do regime militar, o artista utilizou o estilo bovinocultura para fazer uma sátira ao poder, aos poderosos, aos generais. Colocou-os como homens bois, que se enrolavam nas cores verde e amarela. Os alunos, sujeitos participantes da experimentação foram criaram imaginações espaciais acerca do modo de viver do sul-mato-grossense conforme a narrativa dominante, o modo ruralista de viver. O boi, no período em que a obra foi criada, era a essência do estado, pois o boi estava relacionado ao dinheiro, ao comércio. Os sujeitos associaram boi ao dinheiro, o dinheiro ao poder e o poder à política.

A figura 2 gerou imaginações que seguiram a perspectiva de crítica a apropriação que as pessoas fazem da cultura indígena para se promoverem. A obra, minimalista por conter poucos elementos, mostra a figura do índio usada como *souvenir*. Os diálogos sugeriram imaginações acerca da violência contida no gesto do homem branco que dominou o indígena, reduziu seu tamanho de forma simbólica e o transformou em detalhe (*souvenir*). Dessa maneira, o indígena transforma-se em enfeite, ou seja, objeto e não sujeito. A ação de colocar o indígena na gravata e não

a gravata no indígena foi reveladora para as imaginações, pois expõe um dispositivo de dominação cultural, no qual o indígena é transformado em objeto. A liberdade do indígena é reduzida até desaparecer, assim como o seu tamanho foi reduzido para melhor dominá-lo. A cor vermelha causou o efeito de sangue, dado ao sentido que o vermelho possui na cultura ocidental. O vermelho não foi visto apenas como cor da camisa, funcionou nas imaginações dos sujeitos como um rio de sangue. Foi, portanto, passível estabelecer a ligação entre o vermelho (cor do sangue em nossa cultura) com o genocídio indígena pelo homem branco ao longo da história brasileira. O vermelho expressou a dominação violenta sobre os povos indígenas cometida pelo homem branco ao longo do processo de colonização e, também, perdurando no período pós-colonial e contemporâneo.

Ao terem contato com as obras do MARCO, em uma aula de Geografia, muitas percepções enraizadas no pensamento dos estudantes davam lugar à construção de novas imagens, novos pensamentos, aproximando-se da noção de espaço que proporciona a surpresa, a heterogeneidade simultânea (MASSEY, 2008). Esse modo de pensar o espaço proposto desafiou os sujeitos a saírem do conforto, a criarem outros processos de pensamentos. Os elementos das obras em conexão com a Geografia catalisaram processos de criação. Foram permitidas as múltiplas conexões de pensamentos.

Os sujeitos foram submetidos ao estranhamento, Geografia e Arte criando outras possibilidades, ampliando sua visão acerca do espaço. O espaço como algo estático, fechado, aniquila a liberdade de futuro. “Com esse tipo de espaço seria, sem dúvida, impossível ter a história como devir” (MASSEY, 2008, p. 47).

Não cabe mais conceber o espaço como fixo, estático, geométrico que pode ser calculado para servir como palco onde a vida acontece. O espaço não pode subordinar o tempo, os dois devem existir coetaneamente, sempre inacabados, sempre em devir (MASSEY, 2008). Espaço não é uma tela plana. Imaginar o espaço é compreender infinitas trajetórias acontecendo ao mesmo tempo. Portanto, cabe nesse espaço, outras estórias, outras geografias, outras aberturas para além de uma homogeneidade. Há lugar para trajetórias alternativas. Há lugar para invenção de narrativas que se contrapõem ao pensamento dominante.

Considerações finais

Acredito que as práticas dominantes em sala de aula no ensino de Geografia parecem não dar conta da noção de espaço em devir (MASSEY, 2008). Não se trata de negar a cartografia, o livro didático, a linguagem verbal, se trata de possibilitar que outras geografias emergjam, que outras possibilidades possam ampliar o discurso geográfico na busca por uma noção de espaço que se caracteriza pela multiplicidade. A arte como intercessora da Geografia golpeou a ideia do pensamento único, gerando outras maneiras de pensar a espacialidade. A conexão entre a linguagem pictórica e a Geografia criou essa possibilidade. Segundo Deleuze e Guattari (2013) a arte, Ciência e Filosofia podem ser intercessoras uma das outras, deslocando o pensamento na origem de novos problemas e soluções em um constante devir. A Filosofia também foi uma intercessora deste estudo ao nos relacionarmos com sua linha através de seus conceitos.

A experimentação aponta que arte e Geografia se relacionando apresentam potencial para criar novas maneiras de imaginar o espaço. Um processo de subversão que ocorreu com a linguagem pictórica forçando dobras no pensamento. A arte mobilizou o pensamento possibilitando criar novos referenciais de trajetórias compreendendo o espaço pela sua principal característica, a multiplicidade.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Traduzido por A. C. Piquet e R. Machado. – Rio de Janeiro: Editora Graal, 1987.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Traduzido por Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Editora 34, 3ª Edição, 240p., 2013a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** 3ª edição, 1ª reimpressão. Traduzido por Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. – São Paulo: Editora 34, 2013, 272 p.

FERRAZ, Cláudio Benito O. (2009) **Geografia: o olhar e a imagem pictórica**. **Revista ProPosições**, Campinas/SP, v. 20, n. 3 (60), p. 29-41, 2009.

FERRAZ, Claudio Benito Oliveira; NUNES, Flaviana G. (Orgs.). **Imagens, geografias e educação: intencões, dispersões e articulações.** – Dourados, MS: Editora da UFGD, 314p., 2013.

GALLO, Sylvio. **Deleuze & a educação.** 3ª edição; 1ª reimpressão. -- Belo Horizonte: Editora Autêntica, 104p., 2016.

KAERCHER, Nestor A. **Desafios e utopias no ensino de Geografia.** Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 1999. 150p.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. -- Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 312p., 2008.

OLIVEIRA JR. Wenceslao Machado de. O que pode uma rede no entre imagens, geografias e educação? In.: NUNES, Flaviana GasparottiJ NOVAES, Ínia Franco de (Orgs.). **Encontros, derivas, rasuras: potências das imagens na educação geográfica.** — Uberlândia (MG): Assis Editora, 2017.

OLIVEIRA JR, Wenceslao M. GIRARDI, Gisele. **Geografia do artista quando coisa. Marcelo Moscheta e Manoel de Barros como intercessores geográficos.** *Revista Linha Mestra*, n.34, p.18-34, 2018.